

## APRESENTAÇÃO

Voltado para as teorias linguísticas contemporâneas, este número da *Línguas & Letras* abre espaço para o debate e problematizações em torno das relações entre a gramática tradicional e outras teorias gramaticais que emergiram em momento posterior a ela, na cronologia da disciplina linguística, trazendo à tona os problemas decorrentes de uma interpretação (des)continuista da história da linguística.

Para iniciar as reflexões acerca da temática do dossiê *Teorias linguísticas contemporâneas*, as pesquisadoras Claudia Kuns Tomaselli e Maria Inêz Probst Lucena, no texto intitulado “Inovação temática e epistemológica: propostas e desafios para a pesquisa em Linguística Aplicada do século XXI”, refletem acerca dos rumos tomados pela Linguística Aplicada nos últimos tempos, em especial no contexto brasileiro. As autoras mencionam as inovações temáticas e epistemológicas da LA e sua contribuição no âmbito dos estudos linguísticos em geral, destacando seu caráter interdisciplinar e o interesse pelos problemas localizados nas margens da modernidade recente.

No texto seguinte, “Inferências falseadoras como base para a pós-verdade”, Pablo Jamilk Flores trava uma discussão acerca do papel das inferências falseadas como base para o fenômeno da pós-verdade. O autor apresenta um exemplo da referida operação a partir da análise relativa à divulgação de informações em blogs e redes sociais. O propósito é evidenciar como as pistas desorientadoras ao longo da composição textual permitem gerar inferências cujo conteúdo é falacioso.

Em “Linguística e Semiótica contemporâneas: a relação entre Hjelmslev e Zilberberg”, Letícia Moraes Lima busca compreender o papel da teoria hjelmsleviana na concepção da tensividade, uma vertente atual da semiótica discursiva, proposta por Claude Zilberberg. A pesquisadora considera que Zilberberg aproveita do linguista dinamarquês os pares intenso vs. extenso e intensivo vs. extensivo e o princípio da processualidade. Sua análise evidencia que há uma relação entre Hjelmslev e Zilberberg, pois essa vertente da semiótica atual continua a revisitar os escritos do linguista da glossemática.

Ainda como parte do dossiê, Talita Gleycilane Mendes da Silva e Eloisa Nascimento Silva Pilati, em “Linguística Gerativa e Gramática na Educação Básica”, tratam de relacionar os pressupostos gerativistas e os estudos ligados a eles e suas contribuições para o ensino da Língua Portuguesa. As autoras defendem que o

gerativismo tem contribuído com conceitos que podem mitigar os problemas enfrentados no ensino de língua materna e trazer uma mudança significativa ao ensino.

Na seção de Estudos Linguísticos, o artigo intitulado “A contradição como problema constitutivo da língua: as ressonâncias entre Ducrot e Bakhtin”, de autoria de Silvânia Siebert e Andréia Daltoé, problematiza a contradição como sentido constitutivo da língua a partir dos estudos desenvolvidos por Ducrot (1987) e Bakhtin/Voloshinov (2006). As autoras defendem que, como os sentidos do discurso não podem se limitar à materialidade da língua e como uma metodologia de lógica textual não dá conta das inúmeras possibilidades de organização de um texto, é necessário fazer intervir outras formas de análise num estudo que aproveite as construções internas como aporte de determinantes externos que signifiquem conjuntamente.

“Política linguística para o ensino do italiano em contexto de imigração”, escrito por Maristela Pereira Fritzen e Estela Maris Bogo Lorenzi, analisa o movimento de elaboração e implantação de uma política linguística para o ensino do italiano em antiga zona de imigração italiana no Vale do Itajaí, SC. A discussão aponta que a questão do reconhecimento da língua de imigração, como disciplina no currículo escolar, tem acontecido por meio de movimentos locais de instituição de uma política linguística a favor da língua de imigração, reconhecendo-a como uma língua de cultura.

Anaís Andrea Neis de Oliveira e Maria de Lourdes Bernartt dão sequência às discussões sobre migração no texto “Migração e mobilidade internacional: diferenças no desenvolvimento individual pelo acesso ao aprendizado de uma língua estrangeira”, em que destacam o aprendizado de língua(s) estrangeira(s) do local de destino de migrantes internacionais como parte importante no processo de desenvolvimento humano e de participação social dos indivíduos. As falas de emigrantes temporários (brasileiros participantes de programas de mobilidade estudantil internacional - MEI) e de imigrantes estrangeiros estabelecidos no Brasil mostram semelhanças, contrastes e, sobretudo, indicam a importância de ações de acolhida de imigrantes que chegam ao Brasil pelo ensino da língua portuguesa.

Já em “O espaço de enunciação do Acordo Ortográfico de 1990: um recorte”, Fabiana Fernanda Steigenberger analisa o espaço de enunciação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 16 de dezembro de 1990 em Lisboa e que passou a vigorar no Brasil através do Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. A autora examina os sentidos que circulam no funcionamento textual do decreto referente ao

acordo ortográfico, tomado a partir do movimento enunciativo marcado pela história e pelo político.

“A intertextualidade como um critério de coerência/coesão”, de autoria de José Olavo da Silva Garantizado Júnior e Mônica Magalhães Cavalcante, analisa a forma como a intertextualidade constitui-se como um critério de coerência/coesão. Os resultados apontam que a intertextualidade *stricto sensu*, como defendem Koch, Bentes e Cavalcante (2007), é um dos fatores para a geração dos sentidos de um texto, configurando-se como um importante critério da abordagem conceitual da coerência/coesão.

Neiva Maria Jung, autora de “Diálogos possíveis no âmbito da pluralidade linguística e da educação intercultural”, estabelece um diálogo entre o material *Português: um nome, muitas línguas*, produzido no âmbito no programa *Salto para o futuro* e os conceitos de plurilinguismo, interculturalidade, preconceito linguístico, propondo articular a pedagogia do plurilinguismo e interculturalidade crítica para uma visão ampliada de educação linguística no Brasil. Jung aponta para a necessidade de um diálogo mais intenso da academia com os educadores a fim de reconhecer os conceitos de língua dos alunos, professores e demais agentes educacionais, e a partir desse diálogo pensar em uma pedagogia do plurilinguismo articulada à interculturalidade crítica.

Por fim, Silvio Profirio da Silva e Josete Marinho de Lucena conduzem uma entrevista com Marcos Bagno. Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo e professor adjunto da Universidade de Brasília, o entrevistado é um nome de referência no âmbito da Sociolinguística e desenvolve pesquisas a partir das seguintes temáticas: ensino de língua, usos da língua, variantes linguísticas, gramática tradicional, política linguística, português brasileiro e sociologia da linguagem.

Expressamos nossos agradecimentos aos colaboradores desta edição da *Línguas & Letras* e desejamos a todas e todos uma excelente experiência de leitura e diálogo com os pesquisadores cujos estudos contribuíram para reflexões acerca dos estudos linguísticos em geral e, de modo mais específico, das teorias linguísticas contemporâneas.

*Por*

*Maricélia Nunes dos Santos.*